

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS
CURSO DE JORNALISMO

PATRÍCIA VILAS BOAS ALVES DA SILVA

A Cidade do Vento

Um documentário sobre a chegada da energia em Guanambi, BA

São Paulo

2/2021

PATRÍCIA VILAS BOAS ALVES DA SILVA

A Cidade do Vento

Um documentário sobre a chegada da energia em Guanambi, BA

Relatório final do TCC II (Trabalho de Conclusão de Curso), apresentado ao Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, para obtenção do título de bacharel em jornalismo, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Marcia Detoni

São Paulo

2/2021

Este Trabalho de Conclusão de Curso não reflete a opinião da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Seu conteúdo e abordagem são de total responsabilidade de seu autor.

<https://m.youtube.com/watch?v=a97a1gpdSG4>

Upload em: 21 nov. 2021



Dedico este trabalho à minha mãe, que me guiou por essa viagem e abriu seu coração primeiro para mim, quando me concebeu, e agora para as câmeras, quando cliquei no “rec”.

Agradecimentos

Agradeço aos meus pais, Eni e Valdir, e ao meu irmãozinho, Flávio, por me apoiarem e me acompanharem durante esta jornada chamada vida. À minha família baiana, que me recebeu tão bem em sua terra desde a primeira vez em que coloquei meus pés em Guanambi. Aos meus avós que estão aqui, Santina, Maria e João, e ao que já partiu, Benedito. E a todos os familiares que torceram por mim e me desejaram o bem de alguma forma.

Agradeço a todo o corpo docente do Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, que ajudou a formar minha figura como profissional e me ensinou a enfrentar o mundo do jornalismo fora da instituição de ensino; em especial, a minha orientadora Prof.^a Dr.^a Marcia Detoni, que esteve presente durante todo o processo de construção deste Trabalho de Conclusão de Curso – desde sua concepção, até a finalização – e mesmo antes disso, nas salas de aula, fossem elas virtuais ou presenciais. Muito obrigada por ter aceitado me orientar; você é uma grande inspiração para mim! E, claro, agradeço a todos os professores com os quais eu tive o prazer de estudar e absorver um pouco do conhecimento compartilhado.

Também sou grata aos meus atuais colegas de trabalho, que me ensinaram e ainda me ensinam tanto sobre a profissão. Honra é uma palavra pequena perto do sentimento que tenho de poder trabalhar com profissionais que são referência na matéria. Hoje, mais do que nunca, percebo a importância do jornalismo para uma sociedade livre e democrática e posso dizer que me tornei uma completa apaixonada por essa profissão graças aos profissionais que passaram pela minha vida e me preencheram com sabedoria e experiência. Não é uma profissão fácil, mas os melhores horizontes são observáveis dos picos mais difíceis de escalar.

Estendo meus agradecimentos a todos os funcionários da Universidade Presbiteriana Mackenzie e do Instituto Presbiteriano Mackenzie, em especial àqueles que trabalharam comigo durante meu período como jovem aprendiz e, posteriormente, estagiária dentro do instituto nos anos de 2017, 2018 e 2019. Meu primeiro chefe uma vez me disse: “Nunca deixe de estudar”, e nunca deixarei.

Também não posso deixar de engrandecer todos os meus amigos bolsistas da Universidade Presbiteriana Mackenzie, em especial os alunos do Coletivo “5 da Manhã”, que fizeram com que meu período dentro da faculdade fosse mais leve e não me deixaram “surtar” dentro de um ambiente em que, por vezes, me senti tão deslocada e desconfortável. Agradeço a minha melhor amiga, Lais Silva, que conheci no cursinho pré-vestibular e, desde então, tem me acompanhado nesta jornada, ouvindo meus desabafos e me ajudando quando preciso, e aos meus amigos, Lucas Berretta e Jéssica Keyla, parceiros de trabalhos e estudo desde meu primeiro ano na faculdade. Todos vocês foram minha âncora em meio à tempestade. Obrigada!

Por fim, mas de forma alguma menos importante, agradeço às fontes que abriram suas portas e me permitiram ouvir suas histórias e as histórias de Guanambi durante minha visita à cidade. Vocês são os protagonistas deste enredo e a região não poderia estar mais bem habitada.

“O sertanejo é, antes de tudo, um forte.”

Euclides da Cunha

RESUMO

Este relatório apresenta um estudo sobre o documentário autoral e o jornalismo humanizado e sua aplicação a partir da criação de uma peça audiovisual intitulada “Guanambi: A Cidade do Vento”. Para isso, foram essenciais ao referencial teórico, entre outros autores, as figuras de Cremilda Medina, Jorge Kanehide Ijuim e Bill Nichols.

A produção conta a história do desenvolvimento econômico e social da cidade interiorana de Guanambi, no sudoeste da Bahia, a partir da chegada da energia elétrica.

Em complemento ao estudo, o relatório também apresenta o desenvolvimento técnico da peça.

Palavras-chave: Documentário; Guanambi; Energia; Jornalismo

ABSTRACT

This report presents a study on the authorial documentary genre and humanized journalism and its application through the creation of an audiovisual piece entitled "Guanambi: A Cidade do Vento". For it, the figures of Cremilda Medina, Jorge Kanehide Ijuim and Bill Nichols, among other authors, were essential to the theoretical framework.

The production tells the story of economic and social development of the countryside Guanambi, in southwestern Bahia, from the arrival of electricity.

In addition to the study, the report also presents the technical development of the piece.

Keywords: Documentary; Guanambi; Electricity; Journalism

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	18
2.1 Energia em Guanambi.....	18
2.2 Economia local.....	19
2.3 Jornalismo humanizado.....	20
2.4 O documentário.....	22
3 PLANEJAMENTO DE PEÇA.....	26
3.1 Concepção da peça.....	26
3.2 Execução da peça.....	27
3.3 Pós-produção.....	28
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	31
6 APÊNDICE.....	35

Introdução

Guanambi é uma cidade centenária no interior da Bahia que há anos sofre com o clima seco e árido. Com uma população acima de 90 mil habitantes, segundo projeção do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), por muitos anos a principal atividade econômica do município foi a agricultura. A cidade faz fronteira com Caetité, Igaporã, Pindaí, Candiba, Palmas de Monte Alto, Matina e Sebastião Laranjeiras (SEI-Bahia). Seu clima é semiárido, isto é, apresenta altas temperaturas e baixa umidade, com vegetação rasteira e poucas árvores. Em tupi-guarani, Guanambi significa Beija-flor. O nome foi oficializado com a criação do município pela Lei Estadual nº 1.364 de 14 de agosto de 1919.

Além de Guanambi, os municípios de Brumado, Caculé, Caetité, Candiba, Contendas do Sincorá, Dom Basílio, Ibiassucê, Ituaçu, Iuiu, Lagoa Real, Livramento de Nossa Senhora, Malhada de Pedras, Palmas de Monte Alto, Pindaí, Rio do Antônio, Sebastião Laranjeiras, Tanhaçu, Tanque Novo e Urandi compõem o território de identidade chamado “Sertão Produtivo” (SECULT).

No contexto social, a zona rural da cidade carecia do acesso à energia elétrica, enquanto no cenário produtivo, a principal atividade econômica dos guanambienses era a agricultura, impulsionada principalmente pelo plantio do algodão.

Em 1988, a área é tida como a de maior importância do ponto de vista agrônomo e socioeconômico da região, fato que levou o Estado da Bahia a receber o título de um dos maiores produtores de algodão do país. Depois da fase de glória iniciou-se, a partir dos anos 90, o declínio do setor produtivo em virtude de fatores estruturais e conjunturais, tais como: irregularidade climática, manejo incorreto dos solos; incidência da praga do bicudo e mosca branca (SANTOS, 2004, p. 182)

Contudo, devido ao que Santos resume como “fatores estruturais e conjunturais”, o plantio do algodoeiro tem queda e a economia em Guanambi começa a se redirecionar para o comércio e a prestação de serviços, com destaque ao período que se inicia a partir da virada do século. Paralelamente, há a criação do Programa de Universalização de Acesso ao Serviço de Distribuição de Energia Elétrica – Programa Luz para Todos, do Governo Federal, em 2003, coordenado pelo Ministério de Minas e Energia (MME).

Em 2007, o Programa Luz para Todos alcança os condados rurais de Guanambi, segundo o historiador José Bonifácio Teixeira, o que possibilita a chegada da eletricidade aos habitantes de áreas mais afastadas do centro, em especial aos moradores da zona rural, na esteira da evolução da região para cidade-polo de comércio e serviços. Dessa forma, “uma nova expansão urbana está em curso, especialmente entre 2007 e 2012, provocada, entre outros fatores, pelo crescimento da oferta de produtos comerciais e de serviços na cidade” (PEREIRA, 2013, p. 8). O governo vigente neste período é o do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva e, posteriormente, o da ex-presidente Dilma Rousseff.

Com tais avanços, a agricultura não é mais, necessariamente, a principal atividade econômica do município. O desenvolvimento social possibilita, entre outros fatores, o asfaltamento e a pavimentação de estradas da região, o maior acesso à água encanada, educação, geração de empregos e a modernização de estabelecimentos e instituições. Devido ao clima árido da região e aos ventos fortes, foram implantadas torres eólicas para geração de energia renovável em 2012, em atividade desde 2014. A implantação, feita por meio da empresa Renova Energia,

foi muito boa para a região em termos socioeconômicos, não apenas pela geração de empregos na construção e operação do complexo, mas principalmente pelos projetos sociais, como o Programa Catavento, e da melhoria da renda da população rural, que era muito pobre, o que incrementou a economia local. (OGLOBO, 2012, s/p.)

De acordo com o Relatório de Sustentabilidade I (2011, p. 27) da companhia, os impactos da atividade se dão “por meio da geração de emprego e renda, viabilizando investimentos em infraestrutura e a capacitação profissional da mão de obra local”. A isso se soma o arrendamento de terras para construção do parque eólico, o que também beneficiou proprietários locais.

Para Jorge Kanehide Ijuim, mais do que um mero produtor de notícias, o jornalismo possui compromisso formal com a sociedade, que carrega a responsabilidade de “ação e reflexão” em torno da matéria, cabendo ao profissional “desenvolver-se nessas habilidades de agir e refletir. Agir e refletir sobre a realidade concreta, sobre o mundo [...]” (IJUIM, 2009, p. 35).

Isto é, não apenas repassar a informação, mas realizar toda uma análise contextual em torno do fato, oferecendo uma conjuntura de ideias mais ampla e aprofundada ao público receptor da mensagem a fim de melhor informá-lo.

Na visão de Guilherme Canela, a imprensa pode colaborar socialmente, entre outras formas, estimulando o debate em torno de questões fundamentais para a sociedade e monitorando políticas públicas, conforme pontua o autor:

- a. Contribuindo para o agendamento dos temas prioritários para o desenvolvimento humano;
- b. Atuando como instituição central no sistema de freios-e-contrapesos dos regimes democráticos, colaborando para que os governos (mas também o setor privado e a sociedade civil) sejam mais responsivos (“accountable”) na formulação, execução, monitoramento e avaliação das políticas públicas.
- c. Informando, de maneira contextualizada, os cidadãos e as cidadãs de tal forma que estes possam participar mais ativamente da vida política, fiscalizando e cobrando a promoção de todos os direitos humanos. (CANELA, 2008, p.11-12)

Acompanhar os desdobramentos de políticas públicas e seus impactos e transformações dentro da sociedade é um dos deveres do jornalismo; isso oferece às pessoas o poder de opinar, de ter um posicionamento sobre algo, uma vez que, como dizia o jornalista Mauro Salles: “Não há opinião sem informação. Não há opinião pública sem informação pública. Sem imprensa. Sem liberdade”.

Este trabalho tem por objetivo a produção de um documentário sobre as transformações sociais e econômicas na população local da cidade de Guanambi, no interior da Bahia, a partir da chegada de energia no sertão.

Para isso, a produção se deparou com uma questão fundamental: Qual seria a melhor estratégia narrativa para mostrar ao público as transformações que se seguem após a implementação do Luz para Todos no sertão baiano, levando em conta as dificuldades causadas pela pandemia de Covid-19 e o prazo exíguo de produção e execução? Buscou-se compreender também as características do jornalismo humanizado e a sua prática no audiovisual.

Esses aspectos foram estudados a partir de uma pesquisa do pensamento de autores como Cremilda Medina, Jorge Kanehide Ijuim (comentado previamente) e Bill Nichols. A pesquisa teórica e a realidade encontrada no campo levaram à opção por uma narrativa autoral.

O documentário “A Cidade do Vento” mostra as transformações socioeconômicas em Guanambi, município do interior baiano, a partir da chegada da energia elétrica na região rural da cidade, além do investimento em energia eólica no sertão guanambiense e seus impactos na vida dos residentes locais. O uso da narrativa autoral nesta produção se justifica pela proximidade familiar das fontes com o autor e sua liberdade poética e subjetiva. A peça, deste modo, caracteriza-se como um documentário autoral que apresenta elementos dos modos definidos por Nichols como performático, participativo e expositivo.

No jornalismo, as perguntas fundamentais: “Como?”, “Quando?”, “Onde?”, “Quem?”, “O quê?”, “Por quê?” precisam ser respondidas, no entanto, a narrativa sensível permite ousar e explorar pontos de vista individuais ao longo dessas respostas sem eliminar seu caráter jornalístico, de forma que

o jornalismo não necessariamente pressupõe a exclusão da expressão pessoal, do senso estético ou da intenção reveladora e transformadora. Desde os anos 60, testemunhamos no jornalismo exemplos de resistência ao mito da objetividade que chegaram inclusive a influenciar o próprio cinema documental, numa demonstração do diálogo positivo existente entre o cinema de não-ficção e o jornalismo. Truman Capote, Tom Wolfe, Norman Mailer, Gay Talese e Hunter Thompson promoveram nos Estados Unidos, nos anos 60, uma revisão estilística que aproximou o jornalismo da literatura, estimulando a subjetividade e o surgimento de um jornalismo autoral, que, segundo Nichols, inspirou o desenvolvimento do documentário participativo, no qual o cineasta fala na primeira pessoa (DETONI, 2017, p. 71)

Tal construção, que está alinhada ao movimento *New Journalism*¹, possibilita uma narrativa jornalística autoral, mais literária e poética, além de um maior envolvimento do autor com a história, personagens e enredo – inclusive sua aplicação no audiovisual, conforme explica Márcia Detoni, indo contra o que ela definirá como “mito da objetividade” no jornalismo (2017, p. 64).

Portanto, o jornalismo autoral, que transita entre a subjetividade e a confessionalidade para contar histórias e mostrar a realidade, faz-se necessário porque, segundo Cremilda Medina,

O direito social à informação envolve no mesmo processo a demanda e a oferta simbólica. Para fazer circular as narrativas da contemporaneidade precisamos, sim, de máquinas complexas e velozes, mas, mais ainda, de inteligências

¹ Movimento surgido nos anos 1960, nos Estados Unidos, que vai contra as premissas da objetividade e da imparcialidade no jornalismo, que estavam em alta. (Eduardo Ritter)

autorais que refundem um cosmos, interpretando o caos da realidade. Esta, um labirinto de bens materiais, bens naturais e bens culturais para administrar ou renovar e transformar em narrativas polissêmicas e polifônicas (MEDINA, 2008, p. 74)

Ou então, que articule “essas entrevistas conceituais com o protagonismo e o contexto sociocultural numa narrativa autoral que põe em movimento a aventura humana” (2008, p.74), mas, principalmente, sem desconsiderar o contexto e as pessoas por trás do fato, já que, conforme critica Ijuim, a mídia erra ao ignorar o fenômeno social nos acontecimentos, porque, ao fazê-lo, “esta racionalidade tem levado a imprensa a constituir critérios de noticiabilidade que privilegiem o imediato em detrimento da reflexão sobre a complexidade das questões sociais” (IJUIM, 2017, p. 237-238).

Para abarcar todas essas “reivindicações” no jornalismo, uma narrativa humanizada, mais emocional, artística e sensível – que considera o contexto ao seu redor e está voltada para aspirações sociais além de, ao mesmo tempo, dialogar com o literário, o *storytelling*² – se mostra importante e, inclusive, mais bem receptível.

agora podemos internalizar que o Jornalismo Literário, por exemplo, é uma entre várias alternativas para a oxigenação dos textos herméticos (da academia), pernósticos (dos colunistas) e banais (dos noticiários). As reportagens especiais de fôlego estão retornando ao cenário, aqui e ali. E então podemos de novo dizer que a genuína índole do Jornalismo Literário seria fazer com que conteúdo e forma sejam parceiros da mesma aventura, assim como são na boa literatura de ficção. (VILAS-BOAS, 2008, s/p.)

Conforme observou Sergio Vilas-Boas, o uso do autoral e literário dentro da narrativa de não-ficção é uma prática crescente no jornalismo, que teve seu auge durante o *New Journalism* e agora volta a estar presente em outras construções jornalísticas, compartilhando experiências com o receptor da mensagem e exercendo uma transformação criativa da realidade. No documental, essa interseção ocorre de tal modo que a “relação entre a figura do contador de história/estórias e o jornalismo se aproxima” dentro do audiovisual (MELO; MORAIS; GOMES, 1999, p. 7).

² palavra em inglês que está relacionada com uma narrativa e significa a capacidade de contar histórias relevantes. (Significados)

Para desenvolvimento da peça, foi feita uma pesquisa bibliográfica e entrevistas *in loco* no sentido de compreender o processo de implementação da energia elétrica e eólica no sertão de Guanambi. A cidade representa um exemplo das transformações socioeconômicas no Nordeste a partir de políticas públicas de desenvolvimento social e investimentos locais.

2. Referencial Teórico

2.1 Energia em Guanambi

De acordo com relatos dos moradores locais Angélica da Silva e João Rodrigues – obtidos durante as entrevistas para construção da peça que acompanha este relatório –, antes da chegada da energia elétrica na zona rural de Guanambi, a população utilizava candeias e lamparinas para iluminar suas casas, além do uso de *moringas*³ para resfriar a água, uma vez que não existia a possibilidade de utilizar aparelhos domésticos sem o devido fornecimento energético.

De acordo com o historiador José Bonifácio Teixeira, a distribuição de energia elétrica chega primeiro na zona central da cidade, por meio de geradores e, posteriormente, por volta dos anos 1960, via cabo. Anos depois, em 2003, o Governo Federal lança o programa “Luz Para Todos”, visando levar energia elétrica aos condados rurais que não possuíam acesso a esse serviço público. A Eletrobras, que operacionaliza o programa, diz que graças à iniciativa “mais de 16 milhões de pessoas passaram a ter acesso à energia elétrica no país”.

Teixeira, que é autor da sequência “Guanambi: da Cultura, da Educação e da Vida Política” e “Guanambi: Histórias, Memórias e Retratos de Várias Épocas”, explica que o programa começa a ser expandido em Guanambi em 2007.

O Programa de Universalização de Acesso ao Serviço de Distribuição de Energia Elétrica – Programa Luz para Todos foi concebido durante a administração do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, e, como exemplificam Camargo, Ribeiro e Guerra, beneficiou a região mais pobre do nordeste do país, que carecia dessa tecnologia, uma vez que

A eletrificação rural no Brasil não possui uma história baseada na inclusão social. [...] Quem pretendesse ter atendimento de energia elétrica no meio rural era obrigado a fazer investimentos, muitas vezes de grande monta, sendo garantido às concessionárias o retorno breve dos investimentos efetuados. (CAMARGO; RIBEIRO; GUERRA, 2008, p. 22)

³ Vaso poroso onde a água se refresca em virtude da evaporação; bilha. (eDicio)

Em 2012, há a construção da barragem Adutora do São Francisco, conhecida como Adutora do Algodão, que também deu certo suporte ao desenvolvimento. Nesse mesmo ano, um projeto de investimento em energia renovável por meio de torres eólicas na região entrou em ação: o Complexo Eólico Alto Sertão I, II e III, implantado inicialmente pela empresa Renova Energia, agora sob fornecimento da GE Energias Renováveis (VALOR, 2021, s/p.), nos municípios de Caetité, Guanambi, Igaporã, Pindaí, Licínio de Almeida e Urandi, na Bahia, que constitui hoje o maior complexo de torres de energia renovável da América Latina nesta modalidade.

Para a implantação das torres em terras particulares, a empresa Renova Energia arrendou lotes de moradores da região, o que lhes garantiu um aumento substancial em suas rendas, conforme ilustra a reportagem de Ramona Ordonez para o jornal O Globo.

Jesulino Barbosa Neto e sua mulher continuam plantando mandioca, que ele leva para vender na cidade em um carro de boi que ele mesmo construiu. Sua renda não passava de R\$ 400 anuais. Agora, com o que recebe pelo arrendamento de sua terra, conta com orgulho, ele paga a faculdade de medicina em Salvador para um de seus oito filhos — Eu não fiquei com medo, minha renda melhorou muito, não dá nem para falar, foi uma beleza. E agora estou pagando a faculdade do meu filho. Essa torre para mim foi uma maravilha. (OGLOBO, 2012, s/p.)

Além disso, outras formas de geração de renda surgiram a partir da instalação da energia eólica na região, como a criação de empregos dentro da própria empresa de energia e até mesmo a valorização da área, que beneficiou comércios da região e estimulou a economia local. Em média, 300 famílias estão sendo beneficiadas com o arrendamento de terras e mais de 1,3 mil empregos foram gerados durante a sua construção (ECYCLE, 2012, s/p.).

2.2 Economia local

Segundo dados mais atualizados da Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), entre os três setores produtivos (Agropecuária, Indústria e Comércio e Serviços) da cidade de Guanambi, no interior do estado, Comércio e Serviços ocupa a maior porcentagem, com 82,7% do total. O PIB (Produto Interno Bruto) geral e per capita do município evoluiu ao longo dos quatro anos apresentados

em relatório (de 2013 a 2016), saindo da posição 33º, em 2013 (em relação aos demais índices de municípios baianos), para 28º, em 2016 (medição mais recente).

Em relação ao mercado de trabalho, a taxa de desocupação na cidade é de 7,6%, abaixo da média do País, que atualmente é de 14,2% de acordo com a PNAD Contínua. A população economicamente ativa corresponde a mais da metade da população total do município (40.257 ativos em 2010, contra 78.833 habitantes segundo o censo 2010. A projeção para 2020 é de 84.633 habitantes, mas não há dados atualizados sobre o período, com especialistas estimando população atual acima de 90 mil habitantes).

Na análise das vulnerabilidades municipais, entre os anos de 2000 e 2010, a proporção de pessoas abaixo da linha de extrema pobreza em Guanambi diminuiu – de 27,6%, para 8,0% da população total, de acordo com dados do perfil socioeconômico do município de Guanambi feito pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI-Bahia). Segundo o levantamento, “são consideradas extremamente pobres as pessoas que obtiveram rendimento domiciliar per capita mensal inferior R\$ 70,00 em 2010 e obedeciam aos critérios do Ministério do Desenvolvimento Social (MDS) que definem a extrema pobreza” (SEI Bahia, p. 5).

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do município em 1991, quando começaram as medições, era de 0,413, considerado baixo. Hoje, o índice mais recente (2010) está em 0,673, considerado médio. Tais dados reverberam o desenvolvimento socioeconômico de Guanambi.

2.3 Jornalismo humanizado

Nos primórdios do jornalismo, a profissão “herda” o que Cremilda Medina denominará “espírito comtiano” (2008, p. 17), uma ideologia que parte do pressuposto do exercício jornalístico como ciência com base na observação empírica e objetiva, pilares do positivismo. Com essa “fuga das abstrações”, o jornalismo se desenvolve como uma atividade factual e objetiva, pautada tão somente na transmissão da informação.

Não há diferenças substantivas entre a metodologia da pesquisa empírica nas chamadas ciências sociais e a metodologia da

reportagem. As técnicas operacionais na pesquisa empírica e na reportagem estão sintonizadas com o ideário de Auguste Comte (MEDINA, 2008, p. 19)

Mas Medina menciona que, a partir das grandes tragédias que a civilização vivencia nos séculos posteriores, é alimentada uma discussão acerca da “insuficiência da notícia para que uma sociedade se torne mais consciente de suas decisões históricas” (2008, p. 20). A subjetividade começa a atrair o interesse de estudiosos da área e o protagonismo social ganha destaque na abordagem jornalística.

Temas sensoriais como dor e alegria, a valorização do indivíduo e da anonimidade, o olhar para as minorias, para as identidades culturais, crenças, raízes históricas e o próprio comportamento humano se tornam objeto de estudo para a pesquisadora como “tendências de renovação da cobertura jornalística” (MEDINA, 2008, p. 21). É o processo de ressignificação da atividade que, antes racionalizada, não fazia jus à extensão subjetiva do assunto.

Até hoje, a mídia desliza ao “ignorar o fenômeno social nos acontecimentos” (IJUIM, 2017, p. 237) sem refletir as complexidades do contexto em que se insere. Fazer um jornalismo que olhe para além do imediato, que estimule a reflexão, no qual o ser humano é “ponto de partida e de chegada na narrativa jornalística”, é o que Jorge Kanehide Ijuim (2017, p. 242) defende como jornalismo humanizado.

Fabiana Aline Alves e Raphael Nunes Sebrian (2008, p. 1) refletem sobre a importância de o profissional ir além do factual dentro do exercício da profissão, pois “se acredita que o fazer jornalístico é um processo de significação e ressignificação, que exige observação/percepção, reflexão e expressão de mundo” para compreensão dos fenômenos sociais.

Mal notamos quem produziu aquele fato e o seu contexto social, porque o texto, na maioria das vezes, está munido de informações de especialistas, que, geralmente não vivenciaram tal situação, que a conhecem apenas por meio de conceitos e não pela experiência. Não são as abstrações conceituais que presentificam o cotidiano e sim experiências vivas que se tecem na cultura. E os homens, os que viveram o fato, onde estão, o que pensam e sentem sobre o que aconteceu? (ALVES; SEBRIAN, 2008, p.1)

O jornalismo como ferramenta de humanização, conscientização e valorização do indivíduo é uma das premissas do jornalismo humanizado. Ouvir o lado de quem

vive, para além dos especialistas, números e do cenário macro, mostra-se essencial para compreender mais profundamente os fatos e a complexidade de cada situação social.

Entretanto, Ijuim cita que, para tal prática, é necessário que o jornalista se exaure de preconceitos no seu “modo a captar, ver e enxergar, ouvir e escutar, questionar e sentir”. Dessa forma, seu trabalho “respeita as diferenças de qualquer natureza e se isenta de julgamentos, de preconceitos e estereótipos. Sua narrativa adquire caráter emancipatório, pois, de forma humanizada, seu ato é humanizador” (2012, p. 133-134).

Para isso, é preciso “superar a superficialidade das situações sociais e o predomínio dos protagonistas oficiais”, ouvindo pessoas comuns que compõem o todo; humanizando-as (MEDINA, 2003, p. 92).

A função social da atividade jornalística está explicitada no Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, capítulo I, art. 2º, no qual “a liberdade de imprensa, direito e pressuposto do exercício do jornalismo, implica compromisso com a responsabilidade social inerente à profissão”. Assim, o jornalista carrega o dever de servir socialmente “para a promoção das garantias individuais e coletivas”, inclusive das minorias, como destacado no art. 6º dos deveres do jornalista.

Além da obrigação do jornalismo em estar subordinado ao Código de Ética e à Defesa dos Direitos Humanos, e da importância do jornalismo humanizado para a sociedade, produzir esta peça também trouxe ressignificação e autoconhecimento, além de um olhar mais aprofundado para as minhas raízes, já que a temática se passa em uma região onde parte da minha família materna reside.

2.4 O documentário

Os primeiros filmes de gênero documental surgem como uma nova fase do cinema. Isto é, ainda não havia uma distinção clara entre filme ficcional e o documentário, e esse último consistia na reutilização de cenas preexistentes para construção de uma nova película. “Tal expediente, de produzir filmes em que a banda visual é inteiramente realizada com materiais audiovisuais preexistentes, resulta no que os franceses denominam ‘filmes de montagem’.” (Kornis; Morettin; Napolitano,

2015, p. 43-44) Nesses “filmes de montagem”, eram acrescentadas entrevistas e demais documentos que esclarecessem o tema explorado na peça. Um filme documental que mistura o ficcional e a realidade é o longa-metragem “Cabra Marcado Para Morrer” (1984), de Eduardo Coutinho. Nele, o cineasta reúne cenas de um filme fictício que estava sendo gravado pré-Ditadura Militar, com os desdobramentos reais durante e pós-Regime.

O documentário ocupa uma posição ambígua e polêmica na história, teoria e crítica do cinema. Se, por um lado, recorre a procedimentos próprios desse meio - escolha de planos, preocupações estéticas de enquadramento, iluminação, montagem, separação das fases de pré-produção, produção, pós-produção etc. por outro, procura manter uma relação de grande proximidade com a realidade, respeitando um determinado conjunto de convenções: registro in loco, não direção de atores, uso de cenários naturais, imagens de arquivo etc. (MELO, 2002, p. 25)

Cristina Teixeira de Melo disserta que a necessidade do documentário de sustentar um discurso real é a principal característica que o aproxima da prática jornalística. Assim, “ao nos depararmos com um documentário ou matéria jornalística, esperamos encontrar as explicações lógicas para determinado acontecimento”, embora essa narrativa não retrate “um espelho fiel da realidade, mas sua representação”. Melo ressalta que, seja na reportagem ou no documentário, a produção é sempre “um processo ativo de fabricação de valores, significados e conceitos” (2002, p. 28-29).

Segundo Armando Martinelli Neto (2019, p. 150), no cinema existe a possibilidade de “conhecimento do mundo, de situações distantes e ao mesmo tempo próximas pela capacidade em desvendar e alimentar o imaginário dos receptores”, trazendo uma contextualização mais aprofundada do tema investigado. O audiovisual é um gênero que permite construir uma empatia maior com o telespectador e seu valor “está no que ele pode fazer, no que ele pode mostrar, em como ajuda as pessoas a ver, a entender mais profundamente, a sentir e a testemunhar” (DUFF, 2016, s/p.).

Durante a realização da peça audiovisual “A Cidade do Vento”, é construída uma narrativa autoral que, de acordo com as definições de Bill Nichols em “Introdução ao documentário”, apresenta elementos dos modos performático, participativo e expositivo.

Segundo Nichols, o modo performático permite um envolvimento maior do realizador com a sua produção, “ênfatisa o aspecto subjetivo ou expressivo do próprio engajamento do cineasta com seu tema e a receptividade do público a esse engajamento. Rejeita ideias de objetividade em favor de evocações e afetos” (2016, p. 63); isto é, torna-se uma produção focada na experiência pessoal do diretor e apoiada nos pilares da subjetividade, da poesia e da autorreflexão, com “ênfase vigorosa no impacto emocional e social”, conforme é explorado em “A Cidade do Vento”, levando em consideração a relação familiar da discente com os personagens envolvidos no tema (e seu próprio envolvimento) e a reflexão individual contida na narrativa.

O modo participativo, por sua vez, “ênfatisa a interação de cineasta e tema. A filmagem acontece em entrevistas ou outras formas de envolvimento ainda mais direto”, de acordo com Nichols. A condução da história dentro da peça audiovisual deste trabalho ocorre por meio de uma narração em *off*⁴ do autor, que atua como a voz do documentário e transita entre os ambientes presentes no enredo.

A voz do documentário pode defender uma causa, apresentar um argumento, bem como transmitir um ponto de vista. Os documentários procuram nos persuadir ou convencer, pela força de seu argumento, ou ponto de vista, e pelo atrativo, ou poder, de sua voz. A voz do documentário é a maneira especial de expressar um argumento ou uma perspectiva. Assim como a trama, o argumento pode ser apresentado de diferentes maneiras. (NICHOLS, 2016, p. 73)

Por fim, Nichols disserta que o modo expositivo apresenta uma narrativa mais tradicional, ou “que a maioria das pessoas identifica com o documentário em geral”, uma vez que “ênfatisa o comentário verbal e uma lógica argumentativa”, também presente na peça deste trabalho, como, a saber, durante as passagens temporais em Guanambi e as argumentações lógicas contidas no enredo.

Todos esses modos compõem, com mais ou menos intensidade, a narrativa autoral em “A Cidade do Vento”. Martinelli Melo observa que essa interferência autoral é intrínseca a sua produção (2002, p. 35). No caso dos modos performático e participativo, por exemplo, a relação autor e documentário é ainda mais acentuada.

⁴ Registro sonoro que faz parte da cena, mas que não aparece no enquadramento (MargôFilmes)

No jornalismo, a prática de expressão pessoal, ancorada no gênero autoral, permite delinear uma narrativa mais afetuosa, literária e subjetiva sobre os fatos.

3. Planejamento de Peça

3.1 Concepção da peça

Inicialmente, a ideia do projeto era a construção de uma peça audiovisual sobre as transformações socioeconômicas na cidade de Guanambi a partir da chegada da energia elétrica. A concepção pré-pandemia previa também uma narrativa poética a ser construída por meio de uma suíte de depoimentos em planos fechados, planos médios e imagens de apoio que retratassem a cultura e o ambiente em que se baseiam os personagens da história, sem participação direta do autor. No entanto, ao chegar a campo, em meio às dificuldades de encontrar personagens fortes para compor o enredo, considerando todas as dificuldades impostas pelo momento de crise sanitária, a ideia amadureceu para o documentário autoral, com narração em *off* e maior envolvimento do autor com a história e seus personagens.

Visualmente, a peça também previa planos abertos da cidade, como imagens da roça, estradas de terra, casas de pau-a-pique e tijolo, vegetação local e animais, objetivo que foi alcançado. A concepção do documentário teve como inspiração, à primeira vista, a estética do Cinema Novo explorada em “Bacurau (2019)” e a construção audiovisual de “Severinas (2013)”.

“Bacurau”, dos diretores Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles, conta a história da emancipação de um povoado do sertão brasileiro por meio da força, enquanto “Severinas”, de Eliza Capai, busca retratar uma comunidade de mulheres fortes em processo de libertação e evolução econômico-social, no município de Guaribas, no nordeste do país. Ambos estão situados em um contexto de contemporaneidade.

Como enfoque para o curta de Capai, há o programa de transferência de renda do Governo Federal, o Bolsa Família (política pública que se apresenta como uma base necessária para muitas das transformações ocorridas na região). Em “A Cidade do Vento”, a ideia inicial também era de que o filme girasse em torno das transformações ocorridas na cidade de Guanambi – no nordeste do Brasil – após o acesso da população a outra ferramenta de desenvolvimento social, no caso, o acesso à energia elétrica, que chega aos condados rurais da região por meio do programa

federal Luz para Todos e, posteriormente, da energia eólica, no chamado Complexo Alto do Sertão I. O nome “A Cidade do Vento” faz referência tanto ao parque eólico, como à condição ventosa da região.

A pré-produção também incluiu a construção de um pré-roteiro e a aquisição de dispositivos e equipamentos (baterias, cartões de memória, microfones, fone de ouvido e tripé), além do contato prévio com algumas organizações em Guanambi, em meio ao “garimpo” de fontes.

3.2 Execução da peça

Para chegar a campo e iniciar as gravações, foi feito o trajeto “São Paulo/SP – Caetité/BA”, da viação Gontijo, com saída da Rodoviária Tietê, em São Paulo, e desembarque na Rodoviária de Guanambi. A viagem durou quatro semanas e foi acompanhada por dois parentes próximos a mim, mãe e irmão. Todas as entrevistas aconteceram no estado da Bahia.

As tratativas com os personagens fora do espectro familiar, por sua vez, ocorreram por meio do aplicativo de conversas WhatsApp, e-mail e telefone, a partir de contatos prévios com a Secretaria de Desenvolvimento da cidade de Guanambi, Associação de Produtores Rurais de Guanambi, Fundação Joaquim Dias Guimarães e indicações de terceiros, o chamado “boca a boca”.

Durante a condução das entrevistas, perguntas sobre as histórias de vida, condições socioeconômicas anteriores e atuais, além da realidade doméstica, embalçaram o roteiro, principalmente em relação aos personagens de maior idade, que vivenciaram grande parte do período pré e pós energia elétrica. A ideia da narrativa foi transmitir a imagem de um povo sertanejo resistente, resiliente, como explorado no movimento do Cinema Novo e defendido em “Bacurau”, e em processo de emancipação por meio do desenvolvimento econômico e de políticas públicas, conforme investigado no curta-metragem “Severinas”, da Agência Pública.

A gravação do diálogo com as fontes, no entanto, foi prejudicada devido a problemas com o captador de som adquirido durante a concepção da peça, além de fatores externos como os fortes ventos da região, que também interferiram na qualidade do áudio.

Para captação de imagens, foi utilizada uma câmera digital profissional modelo Nikon D7000. O modelo suporta gravações de até 20 minutos por cena, sem interrupções. Para captação do áudio, serviu de apoio um microfone de lapela da marca “Bomge”, para as entrevistas individuais, e um microfone direcional cardioide com proteção de pelos (deadcat), acoplado sob a câmera, para as gravações em movimento. Além disso, para estabilização da imagem, houve o apoio de um tripé. Algumas cenas são fixas, com o auxílio da ferramenta, outras estão em movimento, com a câmera acompanhando o caminhar de alguma fonte ou da paisagem correndo através da janela do ônibus. Planos fechados com detalhes do horizonte, fauna e flora, ou planos abertos de ambientação agregam às cenas em *off* da peça, durante a narração da história. Os vídeos somam mais de dez horas de material bruto.

3.3 Pós-produção

A peça tem duração de 14 minutos e 46 segundos, dentro do limite estabelecido previamente pelo edital de projetos acadêmicos da Universidade Presbiteriana Mackenzie. A pós-produção ocorre sem o suporte de equipe, tendo a correção de imagem, seleção de takes, ajuste de enquadramento, decupagem, recortes e sonorização sido feitas pela própria discente por meio do software de edição audiovisual Adobe Premiere Pro. A gravação da narração tem apoio do sonoplasta Emerson Canoa, enquanto a trilha sonora é composta por faixas da banda instrumental Quinteto Armonial.

No que se refere a sua publicação, a peça foi exportada para o formato mp4 e publicada na plataforma de vídeos Vimeo, de modo que o público-alvo é geral e a indicação é livre. O documentário autoral híbrido mescla em sua construção a narração em *off* da discente, que traz sua visão pessoal e conduz o enredo da história, e a fala dos entrevistados.

4. Considerações finais

O jornalismo em sua essência está ligado à prestação de um serviço à sociedade. Sua aplicação requer diálogo constante com a população; ouvi-la e informá-la são dois de seus principais deveres. No jornalismo autoral, o *New Journalism*, essa prática de escuta e compreensão na maneira de contar uma história alcança novos patamares ainda mais desafiadores, uma vez que utilizar a arte da literatura na narrativa não-ficcional exige criatividade, sensibilidade e emoção para além do levantamento de informações e análises frias da matéria, qualidades distintas que se complementam. No entanto, é a partir dessa subjetividade que o jornalismo se torna mais humano, mais próximo, e mais ligado às causas sociais, e, como prestador de serviços à população, estar ligado à causa social faz todo o sentido. Desta forma, a execução do trabalho foi ao encontro desse objetivo de narrar um fato de impacto na sociedade por meio de uma linguagem autoral, de expressão pessoal e poética, que humaniza e valoriza a figura individual do ser humano comum, de modo que a pergunta problema exposta no início do artigo foi respondida.

Claro que, ao longo do processo, diversas adversidades foram encontradas. A utilização do gênero autoral no audiovisual, para além das implicações técnicas como equipamentos, deslocamento, condições externas e alinhamento de agendas, também exigiu uma reflexão pessoal sobre o que o tema significava para mim e como ele impactava os pavimentos mais profundos da minha própria subjetividade. Investigar meus sentimentos foi como explorar o desconhecido, massa cinzenta que por vezes hesitei em examinar; um passeio pelos Nove Círculos até o Paraíso, tal como Dante Alighieri, guiada pela minha mestra orientadora. Tudo isso tendo como pano de fundo uma pandemia sem precedentes e em meio a um momento de incertezas e dificuldades em exercer o “olho no olho” durante os encontros, o que impôs limitações no sentido de garantir a segurança do próximo e seguir os protocolos sanitários vigentes.

O referencial teórico escolhido esteve de acordo, uma vez que, na defesa do jornalismo humanizado e social, que dialoga com a subjetividade e o diálogo dos afetos em meio à arte poética, estão presentes Jorge Kanehide Ijuim, Márcia Detoni, Cremilda Medina, Sérgio Vilas Boas, entre outros autores, jornalistas, acadêmicos e pensadores que dissertam e meditam sobre a temática, além de servirem como referência e base para outras discussões em torno da matéria, o que proporcionou o

embasamento necessário para construção da narrativa. Isso vale para os filmes e documentários que serviram como inspiração para a ideia inicial.

O trabalho se mostra importante pois narra a melhora na qualidade de vida de uma comunidade a partir do desenvolvimento socioeconômico, parte representativa de outros cenários e situações semelhantes no nordeste brasileiro, trazendo à luz a importância de ter políticas públicas apropriadas e direcionadas, além de investimento em infraestrutura e demais projetos para alcançar a emancipação social. Ademais, a forma como tal narrativa foi consolidada também se justifica, uma vez que a exploração da subjetividade e da reflexão pessoal acerca das informações apresentadas aproxima o espectador do tema, reforça sua empatia e consideração sobre o tópico e clareia sua relevância social por meio da arte.

O trabalho também exerceu impacto significativo na construção da minha figura como ouvinte e contadora de histórias, desempenhando uma enorme contribuição, sem dúvidas, às três esferas da minha vida: acadêmica, pessoal e profissional. O produto final faz parte do resultado deste Trabalho de Conclusão de Curso e tem potencial, futuramente, de uma segunda edição mais ampliada e com mais tempo hábil para sua montagem.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAJI (comp.). **Reconstrução do Jornalismo Local**. 2020. Disponível em: <http://cursos.abraji.org.br/mod/page/view.php?id=4675>. Acesso em: 20 set. 2020.

ARBEX, Daniela. **Holocausto Brasileiro**. São Paulo: Geração Editorial, 2013. 490 p.

BACURAU. Direção de Kleber Mendonça Filho, Juliano Dornelles. [S. l.]: SBS Productions, Cinemascópio, Globo Filmes, 2019. son., color.

CABRA Mercado para Morrer. Direção de Eduardo Coutinho. Roteiro: Eduardo Coutinho. Rio de Janeiro: Bretz Filmes, 1984. (119 min.), son., P&B.

CANELA, Guilherme. **Políticas públicas sociais e os desafios para o jornalismo**. Brasília, DF: São Paulo: ANDI, Cortez, 2008. 342 p. ISBN 9788524913907

CAPAI, Eliza. **Severinas: as novas mulheres do sertão**. 2013. Disponível em: <https://apublica.org/2013/08/severinas-novas-mulheres-sertao/>. Acesso em: 05 nov. 2020.

Centro Universitário FG. UniFG. **História da Cidade de Guanambi**. Disponível em: <http://www.guanambi100anos.com.br/historia-da-cidade-de-guanambi-2/>. Acesso em: 20 set. 2020.

DETONI, Márcia. **O audiovisual de não-ficção e a “Maldição do jornalístico”**. Estudos em Comunicação, [s.l.], v. 2, n. 7, p. 02–211, 24 set. 2017. Semestral. Universidade da Beira Interior.

ECYCLE. **Maior complexo eólico da América Latina é inaugurado na Bahia**. 2012. Disponível em: <https://www.ecycle.com.br/component/content/article/8-tecnologia-a-favor/974-maior-complexo-eolico-da-america-latina-e-inaugurado-na-bahia.html>. Acesso em: 05 nov. 2020.

FENAJ. 2007. Federação Nacional dos Jornalistas. **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros**. Vitória, ES. Disponível em: https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf Acesso em: 24 de out. 2020

FREIRE, Marcius. **Documentário: Ética, estética e formas de representação**. São Paulo: Annablume, 2011.

GUANAMBI. Autor Desconhecido. Prefeitura Municipal de Guanambi. **A Cidade**. Disponível em: http://www.guanambi.ba.gov.br/texto/a_cidade. Acesso em: 20 set. 2020.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) **Censo demográfico 2010**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/>. Acesso em: 05 out. 2020.

IJUIM, J.K. 2017; **Por que humanizar o jornalismo?** Verso e Reverso, 31(78):235-243, setembro-dezembro 2017 Unisinos. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/ver.2017.31.78.07/6252>. Acesso em: 19 out. 2020.

IJUIM, J.K. 2012. **Humanização e desumanização no jornalismo: Algumas saídas**. Revista Comunicação Midiática, 7(2): p. 117-137. Disponível em: <https://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/CM/article/view/290>. Acesso em: 24 out. 2020.

IJUIM, J.K. 2009. **A Responsabilidade social do jornalista e o pensamento de Paulo Freire**. Revista Em Questão, 5(2):31-43. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/10060/7368>. Acesso em: 24 out. 2020.

JESÚS, Mariana Oliveira; FREITAS, Nacelice Barbosa. **Análise ambiental do Pólo de Guanambi – BA: relação entre dados socioeconômicos e desertificação**. 2018. 4 f. Disponível em: <http://periodicos.uefs.br/ojs/index.php/semic/article/view/3929>. Acesso em: 20 set. 2020.

MEDINA, C. **A arte de tecer o presente: Narrativa e cotidiano**. São Paulo: Summus, 2008.

MEDINA, C. **Ciência e jornalismo: Da herança positivista ao diálogo dos afetos**. São Paulo, Summus, 2008. 88 p. Estante Virtual. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/42270/epub>. Acesso em: 20 set. 2020

MELO, Cristina T. V. de. **O documentário como gênero audiovisual**. Comunicação & Informação, v. 5, n. 1/2, p. 25-40, 2002. DOI: 10.5216/c&i.v5i1/2.24168 Acesso em: 23 nov. 2020.

MELO, Cristina T. V. de, MORAIS, Wilma de, e GOMES, Isaltina. **O documentário como gênero jornalístico televisivo**. Campinas: 1999.

MORETTIN, Eduardo; NAPOLITANO, Marcos; KORNIS, Mônica Almeida (orgs.). **História e Documentário**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012

NETO, Armando Martinelli; **Fogo no Mar e Aeroporto Central: aproximações entre documentário e jornalismo literário**. 2019, Campinas. Revista Edicc, 2019. p. 147-157. Disponível em: <http://ocs.iel.unicamp.br/index.php/edicc/article/view/6467>. Acesso em: 25 set. 2020.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Nova edição. Campinas, SP: Papyrus, 2016.

NORMANHA, Abelardo da Silva. **História de Guanambi**. 2020. Disponível em: <https://www.achetudoeregiao.com.br/ba/guanambi/historia.htm>. Acesso em: 20 set. 2020.

O FIM e o princípio. Direção de Eduardo Coutinho. Roteiro: Eduardo Coutinho. Rio de Janeiro: Videofilmes, 2006. (110 min.), son., color.

ORDONEZ, Ramona. **Na Bahia, famílias vivem de vento**. 2012. O Globo. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/na-bahia-familias-vivem-de-vento-5420145>. Acesso em: 05 nov. 2020.

PEREIRA, Sofia Rebouças Neta. **A Cidade de Guanambi - BA: articulações regionais e suas implicações na configuração do espaço urbano**. 2013. 18 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2013. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/229300489.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2020.

RAVAGNANI, Allan. **Após acordo com Renova, GE seguirá como fornecedora do Complexo Eólico Alto Sertão III**. 2021. Valor Econômico. Disponível em: <https://valor.globo.com/empresas/noticia/2021/10/04/aps-acordo-com-renova-ge->

seguir-como-fornecedora-do-complexo-elico-alto-serto-iii.ghtml. Acesso em: 10 nov. 2021

RENOVA. RELATÓRIO DE SUSTENTABILIDADE 2011. **Renova Energia**, São Paulo, p.1-114, 2011.

RENOVA. RELATÓRIO DE SUSTENTABILIDADE 2012. **Renova Energia**, São Paulo, p.1-93, 2012.

RENOVA. RELATÓRIO DE SUSTENTABILIDADE 2013. **Renova Energia**, São Paulo, p.1-128, 2013.

RENOVA. RELATÓRIO DE SUSTENTABILIDADE 2014. **Renova Energia**, São Paulo, p.1-160, 2014.

RENOVA. RELATÓRIO DE SUSTENTABILIDADE 2015. **Renova Energia**, São Paulo, p.1-120, 2015.

ROCHA, P. M., & NORONHA, M. G. **A teoria e a prática do jornalismo investigativo: uma análise das reportagens premiadas da Agência Pública**. (2015) Revista Observatório, 1(1), 18-42. <https://doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2015v1n1p18>

SANTOS, Ozenice Silva dos. **O espaço de Guanambi/BA: o algodão como elemento de organização**. Guanambi – Bahia, 2004.

TEIXEIRA, M. S. da S. & TEIXEIRA, J. B. **Guanambi: histórias, memórias e retratos de várias épocas** (2019). Guanambi: Próprios autores, 2019. 460p.

VILAS-BOAS, Sergio. **Introdução ao Livro “Jornalismo & Literatura”**. 2008. Disponível em: <https://sergiovilasboas.com.br/thinking/jornalismo-literatura/>. Acesso em: 19 nov. 2021.

XAVIER, Ismail, Prefácio. In: ROCHA, Glauber. **Revisão crítica do Cinema Novo** (1963). São Paulo: Cosac Naify, 2003, p. 8.

5. APÊNDICE



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, Eni Soares Vilas Boas da Silva,
portador da Cédula de Identidade nº 39972510-3, inscrito
no CPF sob nº 262950048, AUTORIZO o uso de minha
imagem (ou do menor 90 sob
minha responsabilidade) em fotos ou filme, sem finalidade comercial,
para ser utilizada no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
Audiovisual de Patrícia Vilas Boas Alves da Silva, aluna de
Jornalismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o
uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no
exterior, em todas as suas modalidades e, em destaque, das
seguintes formas: (I) home page; (II) cartazes; (III) divulgação em
geral. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que
autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a
título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro.

São Paulo, 26 de setembro de 2021

Assinatura



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, Angélica Rodrigues Pereira Silva,
portador da Cédula de Identidade nº 0769270061, inscrito
no CPF sob nº 91515408515, AUTORIZO o uso de minha
imagem (ou do menor _____ sob
minha responsabilidade) em fotos ou filme, sem finalidade comercial,
para ser utilizada no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
Audiovisual de Patrícia Vilas Boas Alves da Silva, aluna de
Jornalismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o
uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no
exterior, em todas as suas modalidades e, em destaque, das
seguintes formas: (I) home page; (II) cartazes; (III) divulgação em
geral. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que
autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a
título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro.

Guanambi
São Paulo, 22 de setembro de 2021

Angélica Rodrigues Pereira Silva

Assinatura



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, Fabrizio Lopes Rodrigues,
portador da Cédula de Identidade nº 0747084734, inscrito
no CPF sob nº 988333325-09 AUTORIZO o uso de minha
imagem (ou do menor _____ sob
minha responsabilidade) em fotos ou filme, sem finalidade comercial,
para ser utilizada no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
Audiovisual de Patrícia Vilas Boas Alves da Silva, aluna de
Jornalismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o
uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no
exterior, em todas as suas modalidades e, em destaque, das
seguintes formas: (I) home page; (II) cartazes; (III) divulgação em
geral. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que
autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a
título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro.

Sacandubi
São Paulo, 13 de setembro de 2021

Fabrizio
Fabrizio Lopes Rodrigues
Secretário Municipal de
Desenvolvimento Econômico
Dec. nº 125 de 29 de Jan. de 2021

Assinatura



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, João Rodrigo V. Boas,
portador da Cédula de Identidade nº 065593304, inscrito
no CPF sob nº 32770909553, AUTORIZO o uso de minha
imagem (ou do menor _____ sob
minha responsabilidade) em fotos ou filme, sem finalidade comercial,
para ser utilizada no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
Audiovisual de Patrícia Vilas Boas Alves da Silva, aluna de
Jornalismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o
uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no
exterior, em todas as suas modalidades e, em destaque, das
seguintes formas: (I) home page; (II) cartazes; (III) divulgação em
geral. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que
autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a
título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro.

São Paulo, 25 de setembro de 2021

João Rodrigo V. Boas

Assinatura



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, JOSÉ BONIFÁCIO TEIXEIRA,
portador da Cédula de Identidade nº 01.387.052-16, inscrito
no CPF sob nº 107.966.735-00 AUTORIZO o uso de minha
imagem (ou do menor — II — sob
minha responsabilidade) em fotos ou filme, sem finalidade comercial,
para ser utilizada no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
Audiovisual de Patrícia Vilas Boas Alves da Silva, aluna de
Jornalismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o
uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no
exterior, em todas as suas modalidades e, em destaque, das
seguintes formas: (I) home page; (II) cartazes; (III) divulgação em
geral. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que
autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a
título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro.

Guarambi
São Paulo, 26 de setembro de 2021

B. K. M.

Assinatura